

# CARNAVAL DO RECIFE: AS ESPACIALIDADES SOCIAIS DA FOLIA

Cristiane Maria NEPOMUCENO\*

*Os olhos continuam enxergando em preto e branco, com as lentes de sempre. Vendo que é bem diferente o povo que brinca na Avenida Guararapes do povo que brinca no Bairro do Recife. Que há camarotes no Galo da Madrugada inacessíveis ao salário mínimo. Que nas ruas estabeleceram espaços, definiram fronteiras. Os cortejos reproduzem uma falsa democracia social, a perigosa convivência entre ricos e pobres. As flechas dos caboclinhos, as lanças dos lanceiros e as espadas da corte romana do maracatu são todas alegóricas. Nenhuma dessas armas fere a realidade que jugula o brincante. Mesmo que vivamos em clima de guerra civil, separados em campos de batalha, em morros e condomínios fechados, favelas e prédios de luxo, palafitas e Lago Sul, no Carnaval as investidas são todas pacíficas, os ataques ao passo de dança, as embaixadas poéticas.*

**Ronaldo Correia de Brito**

A história do carnaval da cidade do Recife é a história crítica do cotidiano do seu povo. Como festa popular, assume as características do lugar que se realiza e desse modo passa a retratá-la, uma realidade em que aparecem o distanciamento social, as disparidades, as contradições e os antagonismos, revelando que ao chegar ao Brasil o carnaval assumiu a cara do povo brasileiro, transformou-se numa manifestação cultural profundamente marcada por símbolos, valores e expressões do nosso povo.

A proposta dessa comunicação é apresentar o carnaval da cidade do Recife, tomá-lo e apreendê-lo como um momento da vida social de uma cidade, impregnado de valores culturais e a partir do qual se é possível preservar ou renovar a ordem vigente. Mostrar como o mesmo desempenha um papel primordial e indispensável à (re)construção e à percepção identitária daquela sociedade.

Para melhor se entender a formatação que a festa de carnaval do Recife assumiu na atualidade, será feito um breve passeio retrospectivo a sua origem histórica, aspecto considerado imprescindível para compreender a sua essência e a sua conformação. Mostraremos como este se tornou uma manifestação resultado das relações interétnicas e

---

\* Professora do Departamento de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB/Campus I – Campina Grande). Doutora em Ciências Sociais (Área de Concentração: Cultura) pelo PPGCS/UFRN. Pesquisa financiada pela CAPES.

das contínuas transformações sociais, uma festa na qual o povo foi pouco a pouco ocupando o lugar de destaque e que se constituiu em espaço de contestação social e de idealização de uma vida melhor, alimentando o “velho mito” (cf. QUEIROZ, 1999, p. 182-184)<sup>1</sup> que diz promover, o carnaval, igualdade e integração de classes.

O carnaval chegou ao Brasil trazido pelos portugueses no século XVI. Chamado de “entrudo”(ver CASCUDO, 2001, p. 214),<sup>2</sup> era uma manifestação que consistia numa brincadeira de jogar água, muitas vezes suja, farinha, tintas, lama e até urina ou fezes nos seus participantes. Posteriormente, convencionou-se chamá-lo de *mela-mela*. Tudo acontecia em meio à maior correria; muitas vezes atos de agressividade verbal e física acompanhavam a sujeira. Era considerada uma brincadeira violenta, suja e promotora da desordem.

Ao longo dos anos, o “sortimento” utilizado nas brincadeiras foi sendo substituído por variações mais aceitáveis, tais como talco e goma. A brincadeira adquiriu um tom mais brando, mesmo assim terminou por ser proibido no início do século XIX. O carnaval do *mela-mela* foi substituído em meados do século XIX pelas batalhas de confetes e serpentinas, brincadeira também importada dos salões carnavalescos da Europa.

No entanto a brincadeira do *mela-mela* sobreviveu até os dias atuais em muitas cidades brasileiras. Essa forma de brincar agradava a todos, sem falar que era uma brincadeira acessível a qualquer um, pois para jogar água, farinha, goma, ovos ou cinza era necessário apenas disposição para participar da folia. As diferenças sociais apenas podiam ser percebidas através das munições utilizadas, já que os ricos faziam uso das “bolas de limão-de-cheiro” (DEBRET Apud PINSKY, 2000, p. 59)<sup>3</sup>.

---

<sup>1</sup> Segundo Maria Isaura Pereira de Queiroz: “O mito carnavalesco é uma narrativa que explica a realidade, a partir de dados da experiência (insatisfação com a sociedade existente) que se misturam a aspirações coletivas (desejo de uma “outra” sociedade); estabelece uma convergência entre o aspecto objetivo do conhecimento e o aspecto subjetivo dos sentimentos para atingir um porvir imaginário mas acessível. (...) No momento da festa, o resultado prometido pelo mito é atingido; afirmam ter transformado a sociedade coercitiva na qual vivem, e instalado uma sociedade livre de barreiras e proibições. (...) [O carnaval] concebido como resultado de aspirações, conscientes e inconscientes, orientadas para uma sociedade ‘outra’, na qual não existiriam nem injustiças, nem coerções; assim, mobilizaria a ação dos indivíduos no sentido de instalar uma sociedade de liberdade e de paz. (...) Uma vez que a sociedade alternativa pode durar quatro dias, por que não poderia ela se instalar finalmente de modo definitivo?”.

<sup>2</sup> Entrudo, do latim *introitus* – intróito/introdução. O entrudo era o tempo de divertimento que compreendia os três dias precedentes a quarta-feira de cinzas. Herança fiel e completa dos portugueses, era uma forma tão popular de brincadeira que nivelava “amos e servos na alegria igualitária do Entrudo

<sup>3</sup> O limão-de-cheiro, “é um simulacro de laranja, frágil invólucro de cera de meio milímetro de espessura, cuja transparência permite ver o volume de água [perfumada] que contém. A cor varia do branco ao vermelho e do

Um carnaval que aparentava ser, como no dizer de Mikhail Bakhtin, um festejo “em que todos eram iguais e onde reinava uma forma especial de contato livre e familiar entre indivíduos normalmente separados na vida cotidiana pelas barreiras intransponíveis da sua condição, sua fortuna, seu emprego, idade e situação familiar”. (BAKHTIN, 1987, p. 9) Mas, como nos mostra Rosa Maria Araújo,

Nem hoje nem no passado podemos comprovar a hipótese de que a interação social que ocorre no carnaval é sinal de integração de classes. Em primeiro lugar, porque quatro dias de festa não anulam a rígida estratificação que vigora no convívio social no resto do ano. Em segundo lugar porque a mistura de classes não predomina na programação da folia. (...) O que ocorre no carnaval, entretanto, é o compartilhamento do espírito lúdico, do gosto pela dança e pela música, do culto a alegria e do esquecimento da realidade da vida por todos os que participam dos festejos. (p. 8)

No Estado de Pernambuco, já no século XVII as brincadeiras dos portugueses foram combinadas às tradições africanas, moldando um carnaval peculiar. Em se tratando do carnaval do Recife e sobre como essa mistura aconteceu, as pesquisas remetem para as corporações dos negros (livres e escravos) surgidas nesse mesmo período. Essas corporações eram formadas pelos membros das companhias de carregadores de açúcar e de mercadorias. Era também através dessas organizações que os negros se reuniam para preparar as suas festas.

Ao *entrudo* foram pouco a pouco incorporadas as tradições religiosas de origem africana. Para o antropólogo Raul Lody, “a adesão africana foi fundamental para o enriquecimento de ritmos, danças, personagens, cortejos, mascarados, muitos chegados das irmandades e confrarias de homens negros, mulatos e pardos”. De acordo com este estudioso, essas confrarias e irmandades de negros surgidas no século XVIII, que a princípio tinha por objetivo reunir a grande massa de negros africanos e seus descendentes, “africanos de Angola e do Congo, depois os africanos da Costa Ocidental do Golfo do Benin, inclusive os Yorubás ou Nagôs” (LODY, 2001, p. 67), tornaram-se responsáveis pela organização das festas religiosas e, posteriormente, dos cortejos.

---

amarelo ao verde. O tamanho é de uma laranja comum”. Esta descrição está contida no livro de Jean Baptiste Debret intitulado: **Viagem Pitoresca e histórica ao Brasil: 1816-1831.**

É importante ressaltar que a Igreja tinha participação ativa e direta tanto como promotora da reunião dos negros quanto em suas festas religiosas: “todas as festas das irmandades e confrarias eram controladas pela política da catequese, da conversão do catolicismo, bem como o funcionamento das nações – grupamentos étnicos com idiomas comuns – que se reuniam comandados por rei e rainha, formando cortes, sendo também espaços privilegiados de policiamento por parte da Igreja e do Estado.” (LODY, 2001, p. 67) A Igreja só viria a romper essa relação anos depois, por considerar os encontros dos negros violentos e de caráter subversivo.

Surgem os cortejos, espécie de *desfile* no qual os grupos saíam às ruas conduzindo “bandeiras” e cantando. Durante muitos anos, esses cortejos foram as únicas formas de manifestação permitida aos negros, já que eram tidas como rituais religiosos. Assemelhavam-se a cerimônias ritualísticas de coroação (AYALA, 2001, p. 511-512)<sup>4</sup> de reis africanos, considerada uma forma de os negros nascidos no Brasil não esquecerem sua origem nobre, “uma oportunidade para manifestar os chamados reinados”. (LODY, 2001, p. 67) Em Pernambuco, esses cortejos dariam origem no século XVIII ao *Maracatu de Baque Virado* ou *Maracatu de Nação Africana* ou, numa denominação mais recente, ao *Maracatu Urbano*.

Apenas no final do século XIX, após a abolição da escravatura, é que surgem as primeiras agremiações carnavalescas. A partir de então, os “operários urbanos” organizaram-se por corporações e formaram suas agremiações, que tinham por objetivo reunir integrantes de uma mesma profissão. Tudo indica que a primeira dessas agremiações tenha sido a dos “Caiadores”; depois as corporações se transformaram em clubes. Dentre os muitos: “Lenhadores”, “Xaxadores”, “Charuteiros”, “Empalhadores do Feitosa”, “Suineiros da Matinha”, “Engomadeiras do Recife”, “Quitandeiras do São José”, “Vassourinhas”, “Espanadores”, “Pás”, “Abanadores”.

Do final do século XIX para a primeira década do século XX, surge o *Frevo* (a música) e logo depois o *Passo* (a dança). No dizer de José Teles, apoiando-se no ensaio

---

<sup>4</sup> Segundo o pesquisador da cultura popular professor Marcos Ayala, “a coroa de reis negros no Brasil, remonta dos tempos da escravidão, havendo notícias de sua existência desde pelo menos 1674. (...) Os reis negros e as festas nas quais eram coroados lembram, de forma evidente, a história das nações e etnias às quais pertenciam os escravos que para aqui foram trazidos; elas remetem a uma identidade dos negros, que ultrapassa o passado escravo, para alcançar suas origens étnicas. (...) Ao estabelecerem este vínculo estão negando a identidade de escravos a eles atribuída, ou melhor, imposta, que ignorava as diferenças entre eles, que os tratava como mercadorias”.

“Origem e significado do frevo”, do escritor e jornalista Mario Melo, seria o *Frevo* a mais genuína das manifestações brasileiras, pois, além de não ter origem folclórica, sua música não resultava do reaproveitamento de outras músicas e principalmente havia nascido do povão e expressava suas vontades. Afirma ainda que, suprimindo qualquer sentimento de ufanismo, teria sido o *frevo* originado em um único Estado: Pernambuco. “E mais: é exclusivamente do Recife. Indo mais longe: recifense de uns poucos bairros – São José, Boa Vista e Santo Antônio.” (TELES, 2000, p. 35)

Uma outra brincadeira também consolidada nesse período foi o *Curso* – espécie de desfile realizado em vários tipos de carros, no princípio puxados a cavalo, todos ricamente decorados. Seus passageiros fantasiados saíam pelas ruas da cidade jogando confetes, serpentinas, limão-de-cheiro e até lança-perfume. O povo participava enquanto espectador, se “comprimia nas calçadas” aguardava para apreciar, travar batalhas de confete e serpentinas, paquerar e também dançar e cantar. Segundo Rosa Maria Araújo, “o curso foi, por natureza, uma forma evidente de confraternização social, já que um grupo se exibia e o outro apreciava. [Era um carnaval de elite] (...) figuras da burguesia, promoviam um desfile de carros alegóricos sofisticados fazendo uma crítica política e social, despertando paixões, no público espectador, pró ou contra os temas escolhidos”. (p. 8)

Até meados do século XX, o carnaval do Recife concentrou-se em suas centrais. Era o carnaval das ricas fantasias e do improviso, todos dividiam o mesmo espaço. Muitos grupos desfilavam, dentre eles os mascarados, cujo tipo mais conhecido tornou-se o *papangu*, que foi tendo sua indumentária modificada à medida que a brincadeira ia se interiorizando.<sup>5</sup>

Em todo caso, é no século XX que aparecem as diversas “sociedades carnavalescas e recreativas”, que depois se tornariam clubes. A partir da primeira década do referido século, os clubes passam a dominar o carnaval. Esses clubes representavam bairros e até

---

<sup>5</sup> O *papangu* é um tipo de mascarado que oculta completamente todas as partes do seu corpo. A princípio se embrulhavam em lençóis; hoje suas fantasias são mais sofisticadas, os lençóis foram substituídos por macacões coloridos de cetim. Usam máscaras individualizadas, geralmente são caras de bonecas costuradas a perucas de náilon coloridas, uma espécie de capuz que cobre inclusive o pescoço. Os *papangus* são uma das figuras representativas do carnaval pernambucano; a cidade de Bezerros, localizada a cerca de 150km do Recife, promove todos os anos encontros e desfiles com premiação.

interesses políticos partidários, razão pela qual mantinham relações muito conflituosas, sendo os confrontos constantes.<sup>6</sup>

Organizados como associação civil, os clubes carnavalescos prestavam assistência aos associados e mantinham atividades sociais e recreativas o ano inteiro. Organizavam-se a partir de uma mesma freguesia, rua, ofício. A ligação dos clubes com os ofícios é ostentada já nos nomes que os clubes levavam (...). Vinculados ao universo do trabalho, os clubes carnavalescos projetavam para outros campos facciosismos e inimizades. (...) Os clubes carnavalescos fazem do carnaval popular da primeira década uma sucessão de cortejos riscando as ruas da cidade, arrastando consigo uma onda humana que tomava a cidade, fazendo explodir nos espaços públicos rivalidades diversas.(ARRAIS, 1998, p. 135-137)

A história do carnaval pernambucano reflete a história da sua formação social e termina por ser um prolongamento dos acontecimentos e valores que permearam aquela sociedade. E o carnaval do Recife, por sua vez, em sua evolução histórica, edificou-se como fruto do cotidiano de um povo mestiço que transmitiu a essa festa toda a diversidade de suas formas de vida. Visão também contida na obra de Roberto Benjamin, que acredita ser um grande equívoco tomar as transfigurações carnavalescas como meros momentos desvinculados da vida local, pois parte da idéia que o carnaval representa, “(...) na verdade, a oportunidade de ter o mundo pelo avesso e o momento propício, também para a crítica política e social, expressa através de manifestações satíricas, de dessacralização das pessoas e coisas da religião, do poder político e do poder econômico”. (BENJAMIN, 2002, p. 26)

O carnaval do Recife sempre teve no embate e na crítica social o *motor*, o elemento central que conduziu e formatou suas manifestações. Ao tratar o carnaval recifense, Raimundo Arrais fornece elementos que muito contribuem para reforçar a idéia contida neste trabalho. Afirma ser o carnaval recifense uma *bricolagem*<sup>7</sup>, uma brincadeira que envolve diversos segmentos sociais e que nas suas manifestações é possível detectar a estrutura de relações da sociedade. Essa percepção, construída a partir da análise da festa do final do século XIX ao início do século XX, mostra que, na forma como esta se organizava,

---

<sup>6</sup> Estas resumidas informações que relatam um pouco da evolução histórica do carnaval recifense foram obtidas, principalmente, nos arquivos da Fundação Joaquim Nabuco, Casa do Carnaval (Pátio de São Pedro, casa 52, Bairro de São José), no Arquivo Público, no *site* da Prefeitura do Recife e na Fundação de Cultura Cidade do Recife instituída em 23 de abril de 1979 (Lei 13.535) cujo objetivo central é preservar o patrimônio cultural municipal e o nacional no âmbito da cidade do Recife.

<sup>7</sup> Palavra de origem francesa (*bricolage*), aporuguesada aqui e usada com sentido figurativo, dando a noção de junção de partes.

eram evidentes, não apenas os diferentes segmentos daquela sociedade, como também os seus conflitos. (ARRAIS, 1998, conferir ao longo do livro) Na análise do contexto da festa carnavalesca no período acima citado, é possível constatar que o carnaval do Recife se constituiu em lugar de reprodução de valores, fortalecimento da identidade do grupo e conseqüente espaço de resistência. Pois foi em torno de cada manifestação que “foram demarcados limites urbanos” e fortalecidos os laços comunitários.

É na festa do carnaval recifense e através dela que os mais diversos grupos em seus “cortejos” podem se fazer ver e ouvir, mostrar a sua cara e “caricaturar o modelo solene das elites”. (BENJAMIN, 2002, p. 43)<sup>8</sup> Confirmando que a festa de carnaval no Brasil, apesar da sua origem elitista, sempre foi uma festa plural e com grande participação popular; e que o povo, ao apropriar-se da mesma, realizou-a a sua maneira, impingindo-lhe caráter contestatório e atribuindo-lhe o sentido de *festa de pobres* ou *festa de negros*.

No carnaval o povo deixar transparecer o poder da sua conjunção provando, como afirma Maria Isaura Pereira de Queiroz (1999. p. 173), ao falar sobre os luxuosos desfiles das escolas de samba, “que o *populacho*, embora fortemente marcado pela negritude, era capaz de criação, de organização, de produção com grau superior de eficiência”.

A pesquisa de Alexandre Lazzari sobre as mudanças ocorridas no carnaval de Porto Alegre no início do século XX mostra que é a partir desse período que o carnaval das elites passou a ser substituído por outras formas de brincar, nas quais os pobres ganhavam as ruas e mostravam que tinham aprendido a fazer um outro carnaval, diferente na forma e no conteúdo, o “carnaval dos negros e desclassificados”. Ao prefaciар esse livro, Maria Clementina Pereira Cunha (2001, p. 12) resume com precisão o objetivo central do autor ao estudar o carnaval de Porto Alegre, pensado

como uma linguagem quase que universalmente adequada para expressar conteúdos relacionados a conflitos, à dominação, às metáforas de ordem e desordem; praticar uma pedagogia através da qual, em meio ao riso e ao encantamento festivos, homens possam transmitir lições de política, de civilidade, de higiene, de moral ou

---

<sup>8</sup> Segundo o antropólogo Roberto Benjamin, seria esta uma das três hipóteses sobre a origem dos cortejos carnavalescos, as outras duas seriam: a primeira diz que os cortejos surgiram como uma licença no período carnavalesco para “a aglutinação de manifestações populares ocorrentes em outras datas festivas e que foram proibidas ou perderam a sua função em razão das mudanças sociais”; uma outra hipótese diz ser uma imitação das procissões e cortejos cívicos.

de bons costumes com os quais tentem domesticar os pobres e torná-los menos ameaçadores.

A contribuição importante das pesquisas de Alexandre Lazzari para este trabalho, está na percepção da estreita relação que se faz do carnaval como “símbolo abrangente da nacionalidade brasileira”. Para este estudioso, isso era na verdade um grande clichê, uma construção ideológica que pretendia estabelecer uma falsa representação homogeneizadora do que seria o *caráter* da nacionalidade. Na sua opinião, tal modo de pensar faz parte do passado, mas ainda “continua seduzindo muitos integrantes dos campos artísticos e intelectual.” (2001, p. 16)

Mesmo que não se possa considerar o carnaval como o elemento definidor do “ser brasileiro”, necessário se faz reconhecer que o nosso carnaval é peculiar e resulta da completa mistura das matrizes étnicas formadoras do povo brasileiro. É um carnaval com características próprias, repleto de contradições, apesar de estar presente em cada uma das regiões brasileiras e, em cada uma delas, ser a expressão concreta da sua formação sociocultural.

Nosso carnaval é singular no sentido e ao mesmo tempo diversificado na forma. Pode não ser representativo da nossa totalidade ou não ser a manifestação que melhor simbolize a identidade nacional, mas muito contribui para a identificação e a definição do que é ser e pertencer a determinado grupo ou localidade dentro do Brasil.

Já como elemento caracterizador, representativo das características regionais, o carnaval se revela adequadamente como definidor das identidades locais, por ser possível perceber nas manifestações específicas não apenas a sua formação sociocultural, como também a estrutura organizacional das diversas regiões. Essa realidade pode ser comprovada através da observação do carnaval das suntuosas escolas de samba do Rio de Janeiro; do carnaval afro da Bahia; da festa dos bois que animam o carnaval da região Norte; das tribos que conformam o carnaval da Paraíba; ou do frevo, maracatus, ursos, mascarados e tantas outras agremiações que fazem o carnaval de Pernambuco. Através desses carnavais é possível enxergar a díspar formação regional brasileira.



No caso do Recife, tornou-se a festa de carnaval o espaço adequado para o povo demonstrar suas insatisfações por sentir-se temporariamente livre das barreiras institucionais. Demasiadamente plural em sua manifestação, não concedeu espaço para a “ilusão” de igualdade entre seus brincantes; muito pelo contrário, evidenciou as disparidades, tornou-as mais gritantes. Enfim, conformou-se um carnaval no qual seus participantes se reconhecem enquanto pertencentes a determinados estratos ou segmentos da sociedade.

Historicamente, ficou a festa do carnaval recifense sempre permeada do embate social. Em meio ao riso e à alegria, tornou-se ocasião de criticar, confrontar, como também de ensinar, divulgar e até legitimar uma ordem. O que escreveu Mikhail Bakhtin sobre o carnaval na Idade Média também se aplica àquele carnaval: “as grandes viradas econômicas, sociais e políticas (...) não podiam deixar de sofrer uma certa tomada de consciência e apresentação carnavalescas”. (1987, p. 235)

No decorrer do século XX, o carnaval recifense adquire um duplo aspecto, consolida-se o carnaval de opostos nas manifestações e nos espaços que seriam de pobres ou de ricos. Também é certo que passou por momentos de “apatia”. O mais sério talvez tenha acontecido na década de 80, um período de esmaecimento, numa conseqüência direta da massificação televisiva que impôs um modelo<sup>9</sup> de carnaval para o Brasil. Na década de 90, como resultado de um somatório das mais distintas facções da sociedade recifense, iniciou-se o carnaval, que vem retomando seu lugar de destaque na sociedade local e reassumindo seu papel histórico socializador, contribuindo para o desenvolvimento de um sentimento que chamo de *Fenômeno da Pernambucanidade*.

Esse sentimento de *Pernambucanidade* revela-se não apenas no desejo da comunidade recifense em conhecer sua história, cultuar seus heróis ou aprender, praticar e repetir suas manifestações festivas. A *Pernambucanidade* traduz-se, principalmente, por um sentimento de supervalorização da cultura local e reafirma, como diz o jornalista e crítico de música José Teles, a “dificuldade que o pernambucano tem para aceitar o novo”,

---

<sup>9</sup> O carnaval carioca foi tomado como a fiel retratação do carnaval do Brasil, levando inclusive vários estudiosos a equivocadamente analisarem a sociedade brasileira a partir dos desfiles das suntuosas escolas de samba carioca; indo mais além, afirmava-se que a identidade do povo brasileiro ali era constituída.

a ponto de ser historicamente avesso a aceitar qualquer novidade que mexa com suas tradições. (2000, p. 9)

É fato que o carnaval do Recife sempre foi muito pulsante e desde a sua origem, um carnaval movido pela polarização, ainda que não nos moldes atuais. Ressaltar as diferenças sociais entre os grupos parecia ser uma das funções das agremiações carnavalescas, elas representavam bairros, fortaleciam identidades, expressavam as lutas cotidianas. Em Recife o carnaval sempre possuiu grande poder mobilizador. “Nas ruas, largos, praças, igrejas, pontes, com efeito, a cidade celebrava suas identidades, seja no cortejo carnavalesco, seja nas procissões.” (ARRAIS, 1998, p. 140) Entretanto, como nos revela Roberto Benjamin (2002, p. 56), no carnaval do Recife ainda se encontra o espírito dos antigos carnavais.

Apesar da repressão policial, das providências de natureza “organizacional” e da exploração econômica das manifestações carnavalescas, o espírito do mundo pelo avesso, que marca o carnaval desde suas origens, ainda resiste. Pode ser observado na periferia das cidades nos banhos de talco e goma-de-mandioca de fins de feira do sábado gordo, nas bisnagas e seringas de crianças e adolescentes que molham os transeuntes, em uma agremiação que substitui o estandarte bordado a ouro por bacalhau, nos blocos do eu-sozinho de personagens obscenos, nos blocos de corno, nas burrinhas e catirinas que desfilam na franja dos maracatus-rurais e em tantas outras manifestações que podem ser vistas nos múltiplos espaços do período carnavalesco, distantes dos ambientes oficialmente destinados ao carnaval institucionalizado.

## **O CARNAVAL DO RECIFE DO MUNDO DE HOJE**

Eis o cenário da festa, o espaço onde o povo se encontra, o contexto onde as diferenças são percebidas, o lugar onde a formalidade da vida cotidiana é substituída pela formalidade momesca, onde a vida se faz representar, onde tudo é possível. No dizer de Mikhail Bakhtin, “por um certo tempo o jogo se transforma em vida real, [e o carnaval na] segunda vida do povo, baseado no princípio do riso. É a sua vida festiva”. (1987, p. 7) De repente, tempo e espaço parecem desaparecer. Em pleno centro histórico do Recife, o brincante sente-se no centro do Brasil, estão ali presentes, da forma mais diversa e plena, com suas raízes culturais e musicais, toda a gente brasileira. Ali tornam-se brincantes os

homens, produto da fusão de todos os ritmos e todos os fazeres. É o encontro da diversidade brasileira.

Das classes mais abastadas (média, média-alta e alta) às camadas mais baixas da sociedade pernambucana, juntas formam cordões de foliões, aparentemente sem hierarquia ou cordas que os separem. Entretanto a separação existe, a igualdade da massa que ganha as praças e ruas históricas da cidade é ilusória; para todos, existem pontos ou locais específicos dentro da festa. Para cada qual existe o seu contexto social previamente estabelecido pelos organizadores da festa, são os chamados *pólos de animação carnavalesca*.

Esses pólos são palcos em grandes espaços públicos nos quais se realizam os shows e apresentações das agremiações; localizam-se em pontos diferentes dos bairros antigos do Recife e em diferentes áreas da grande Recife (bairros periféricos); são desiguais porque não usufruem da mesma infra-estrutura (segurança, decoração, qualidade técnica dos equipamentos de som...), tampouco recebem a mesma atenção da imprensa ou do público que visita a festa. Mesmo que os organizadores da festa se esforcem para diminuir as disparidades, promovendo uma distribuição igualitária das atrações nos diversos pólos, entretanto, seja como se faça a festa a estratificação social aparece nitidamente, pois os pólos ou estão preparados para turistas e pessoas mais abastadas ou estão preparados para o povo, seus desfiles e os concursos de troças e agremiações.

No carnaval do Recife, fica evidente o poder das classes dominantes, ao se apropriarem da festa (popular). Seja por razões econômicas, seja por razões políticas, conseguem controlar e impor limites, não permitindo ao povo a possibilidade de perceber que, naquele espaço de festa, há lugar para o reencontro, para a organização social; mais que tudo, para a percepção de suas identidades culturais. Todavia é um carnaval de “resgate”, de amor e de paixão pelos valores locais. Todos interessados em manter viva suas tradições e em barrar a todo custo os valores externos, a não ser que estes estejam comprometidos, na mesma perspectiva de valorização das suas tradições. Naquele contexto, imperam “o respeito e o culto às tradições populares”.

É fato que o carnaval do Recife sempre foi muito pulsante. E, desde a sua origem, um carnaval movido pela polarização. Ressaltar as diferenças sociais entre os grupos

parecia ser uma das funções do carnaval recifense. As agremiações carnavalescas que ao longo de sua história compuseram aquela festa sempre representaram bairros, classes, categorias profissionais e até interesses políticos, serviram para fortalecer identidades e expressar as lutas cotidianas, um carnaval de opostos representado nos espaços e nas manifestações de ricos ou de pobres. Em Recife, o carnaval sempre possuiu grande poder mobilizador. No dizer de Arrais, nas suas “ruas, largos, praças, igrejas, pontes, com efeito, a cidade celebrava suas identidades, seja no cortejo carnavalesco, seja nas procissões”. (1998, p. 140)

Um dos objetivos desta pesquisa foi analisar a estrutura organizativa e discutir quais interesses se encontravam por trás da adoção dessa sistemática de construção de pólos de animação com perfis diferenciados, aspecto que mais chama a atenção no carnaval do Recife, além da sua riqueza de manifestações.

Desde o final da década de 90, o carnaval do Recife vem sendo estruturado de forma extremamente peculiar. Ano a ano a festa momesca foi crescendo e dividindo-se em pontos específicos da cidade, a princípio nas suas áreas centrais, depois, expandindo-se para suas áreas periféricas. Era uma espécie de embrião da atual formatação do carnaval recifense: dividido em pólos estratégicos de animação destinados para públicos e interesses específicos. Antes desses pólos, já existiam na cidade, em seus bairros periféricos como Pina, Torre, Graças..., e Centro, áreas denominadas *Pólos de Diversão*, que eram espaços reservados para o lazer destas comunidades. Essas áreas, criadas na administração municipal de Jarbas Vasconcelos<sup>10</sup>, resultou do mapeada da cidade, que foi dividida em zonas de atuação cujo objetivo era atender às características sociais específicas de cada localidade.

A princípio uma questão premente se coloca: por que essa divisão e formatação? A resposta, a princípio também parece óbvia: com esse modelo, há a possibilidade de democratizar a festa e de oferecer melhores condições de realização, em questões como

---

<sup>10</sup> A participação de Jarbas Vasconcelos na formação do atual perfil que o Estado de Pernambuco construiu a partir da década de 90 do século XX deve ser ressaltada. Jarbas Vasconcelos, político que se projetou na oposição ao regime militar, assumiu a Prefeitura da cidade do Recife em 1993, administrando-a por quatro anos. Em, 1998, foi eleito governador, sendo reeleito em 2002. Desde então, desenvolve uma política de incentivo à promoção do turismo cultural. O seu principal trunfo e alvo são as festas populares. Junto com universidades, ONGs, institutos de pesquisa, a Prefeitura do Recife e de outras localidades realizam projetos de resgate das práticas culturais (culinária, confecção de instrumentos musicais e indumentária, danças... e músicas) que são (re)introduzidas nas comunidades.

segurança, transporte, atrações... No entanto, uma série de outros quesitos pode ser apontada, quando se analisa a festa de forma mais minuciosa.

Realmente, a segurança é um fator relevante, é sempre perigoso reunir multidões em um mesmo lugar, ainda mais de estratos sociais diferentes. A possibilidade de conflitos, tumultos, roubos e enfrentamentos é mais provável num aglomerado maior de pessoas. No que diz respeito à democratização da festa, argumento mais utilizado pelo poder público quando se refere aos pólos dos bairros periféricos e comunidades, existem muitos pontos a serem esclarecidos.

Não deixa de ser verdadeiro o fato de que assim há possibilidade de todos brincarem do jeito que gostam, mais livremente, sem a necessidade de deslocarem por longas distâncias, pegando várias lotações (ônibus, trem ou transporte alternativo), até os pólos centrais. Assim, não irão desperdiçar suas economias, sem contar que terão acesso às mesmas atrações que se apresentarem nos palcos centrais.

Mas também é verdade que essa forma de organização “democrática”, como afirma o poder público, pode ser considerada uma forma de segregar, de não misturar as diferentes camadas sociais. Não há como negar que, numa sociedade estratificada, as formas de brincar o carnaval também sejam estratificadas. É fato incontestável que, no sistema econômico no qual estamos inseridos, as classes sociais não gostem de se misturar e que criam seus espaços específicos.

Em certa medida, o que o poder público de Pernambuco (municipal e estadual) está fazendo é reproduzir essa lógica funcional, ao criar espaços específicos para públicos específicos. Mesmo que se justifique, apresentem-se argumentos válidos, é preciso dizer que tais medidas têm por intuito esvaziar os pólos centrais, não misturando os turistas e as camadas mais abastadas com os estratos inferiores.

O carnaval estaria, dessa forma, transformando-se numa festa de duplo caráter: por um lado, uma festa formatada com fins primordialmente turístico e mercadológico; por outro lado, uma grande festa, verdadeiramente popular, feita pelo povo e para o povo.

Esse duplo caráter do carnaval pernambucano pode ser bem definido nas palavras de Mikhail Bakhtin: de um lado, a *festa oficial*, cujo objetivo seria “consagrar a estabilidade, a imutabilidade e a perenidade das regras que regiam o mundo: hierarquias, valores, normas e tabus religiosos, políticos e morais correntes”; do outro lado, a *festa de carnaval*, a

verdadeira, “uma espécie de liberação temporária da verdade dominante e do regime vigente, de abolição provisória de todas as relações hierárquicas , privilégios, regras e tabus, (...) em que todos eram iguais e onde reinava uma forma especial de contato livre e familiar entre indivíduos normalmente separados na vida cotidiana pelas barreiras intransponíveis da sua condição, sua fortuna, seu emprego, idade e situação familiar”. (1987, cf. p. 8-9)

No entanto, há outros aspectos relevantes que precisam ser mencionados. O tipo de organização festiva adotada para o carnaval do Recife é uma solução encontrada pela gestão pública para equacionar, atender à demanda específica. Através da organização em pólos, há a possibilidade de o “carnaval da diversidade” manter todas as suas formas e contato com públicos distintos, que gostam de ver e cultuar os valores que reconhece como seus. Nesse tipo de organização adotado no carnaval pernambucano, as vantagens foram inúmeras, sendo a mais importante a possibilidade de criar um carnaval plural que atende e privilegia a diversidade.

Como todo empreendimento de sucesso, o projeto de desenvolvimento local posto em prática no Estado de Pernambuco tem como base o enaltecimento e o fortalecimento de suas raízes culturais, o que tem provocado muitos questionamentos. Nas avaliações realizadas em todo o Estado por uma equipe da Comissão Pernambucana de Folclore, as críticas chegam a revelar um caráter extremamente conservador, mesmo que se leve em consideração o zelo que se tem pelas tradições locais.<sup>11</sup>

Na sua maioria, as críticas são pertinentes, mas não há como negar que as tradições populares, se resultam do cotidiano do povo, também se dinamizam, sofrem modificações. O que precisa ser evitado é a profissionalização da festa, como as *performances* repetidas nas apresentações, músicas e danças. Na festa popular, valem o improviso, a criatividade e a espontaneidade.

Assim como, para a Comissão Pernambucana de Folclore, é comum na maioria o desejo de que o “carnaval popular que põe o mundo pelo avesso” continue existindo, não apenas como manifestação tradicional, mas primordialmente pela sua capacidade de ser um veículo de confronto e de oposição ao mundo real, que seja adaptado ou que se combine, se

---

<sup>11</sup> Refiro-me aos relatórios que são publicados na Revista Eletrônica: *Observatório Comunicacional*. As avaliações citadas estão nos artigos publicados em 2001 e 2002, sob a coordenação de Roberto Benjamin.

misture ou se modele ou não com o “carnaval do marketing institucional governamental e das organizações privadas”. Mas, seja qual for a sua forma, que nela se revele para todos como uma construção do povo, refletindo seu modo de ser, pensar e sentir.

## **BIBLIOGRAFIA**

- AMORIM, Maria Alice. Carnaval de Pernambuco, um roteiro de diversidade. In: **Revista Continente Multicultural**. Ano 4, n. 38, fevereiro/2004.
- ARAÚJO, Rosa Maria. **Um olhar sobre a cultura brasileira - Carnaval e os carnavais**. In: <http://www.minc.gov.br/textos/olhar/ocarnaval>.
- ARRAIS, Raimundo. **Recife: culturas e confrontos**. Natal: EDUFRN, 1998.
- AYALA, Marcos. Cultura, etnia e identidade: memória e resistência na cultura popular. In: **As ciências Sociais: desafios do milênio**. Natal: EDUFRN/PPGCS, 2001.
- BAKTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento**. São Paulo: Hucitec, 1987.
- BENJAMIN, Roberto e AMORIM, M<sup>a</sup> Alice. **Carnaval: cortejos e improvisos**. Recife: Fundação de cultura da cidade do Recife, 2002.
- BRITO, Ronaldo correia de. Cabeça para baixo, pernas para cima – não existem fronteiras na guerra de Momo. In: **Revista Continente Multicultural**. Ano 4, n. 38, fev./2004.
- CASCUDO, Luis da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. 10. ed. (ilustrada). São Paulo: Global, 2001.
- FERNANDES, Carlos Alberto. Carpe Diem. In: **Revista Continente Multicultural**. Ano 4, n. 38, fev./2004.
- HÉLIO, Mario. A corte dos anônimos. In: **Revista Continente Multicultural**. Ano 1, n. 2/fev. 2000.
- LAZZARI, Alexandre. **Coisas para o povo não fazer – Carnaval em Porto Alegre (1870-1915)**. Campinas: Ed. da UNICAMP/CECULT, 2001.
- LIMA, Ivaldo Marciano de França. **Maracatus-Nação: ressignificando velhas histórias**. Recife: Edições Bagaço, 2005.
- LODY, Raul. Tudo vale a pena se a folia não é pequena. In: **Revista Continente Multicultural**. Ano 1, n. 2, fevereiro/2001.
- MELO, José Marques de. As festas populares como processos comunicacionais: roteiro para o seu inventário, no limiar do século XXI. In: **Revista Vivência – Dossiê: A festa**. v. 13, n. 1. Natal: EDURN, jan/jun 1999.
- NEPOMUCENO, Cristiane Maria. **O jeito nordestino de ser globalizado**. Natal/RN, 2005. 180p. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio grande do Norte. Disponível In: <http://hdl.handle.net/10229/13854> (Lakh - Latin American Knowledge Harvester).
- PINSKY, Jaime, ... [et al.] (orgs.). **História da América através de textos**. 6<sup>a</sup> edição. São Paulo: Contexto, 2000. Coleção Textos e Documentos, v. 4.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **Carnaval Brasileiro – O vivido e o mito**. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- TELES, José. **Do Frevo ao Manguebeat**. São Paulo: Editora 34, 2000. (Coleção Todos os Cantos).